
CAPÍTULO 3 - O ACERVO EM QUESTÃO

“Pensar e agir na Maré a partir da cidade, na cidade a partir da Maré.” (CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ, 2002)

Arquivos, coleções e documentos... palavras que, por si, indicam uma presença material, um suporte de informações, quaisquer que sejam as suas propriedades físicas: uma folha de papel, uma amostra biológica, uma fita magnética. No entanto, é precisamente a partir das ausências implícitas em cada arquivo, em cada coleção, no deslocamento de cada documento do seu contexto original, que se produzem as narrativas, assim como nos cartões perfurados das antigas pianolas ou nos zeros dos códigos binários dos *files* de computador. Sem estas ausências - furos e zeros - as narrativas não seriam possíveis. A memória é cheia destes vazios. Esquecimentos. Tão indispensáveis ao pensamento quanto à própria memória e ao ato de lembrar. “Só lembramos porque esquecemos”. (GONDAR, 2000)

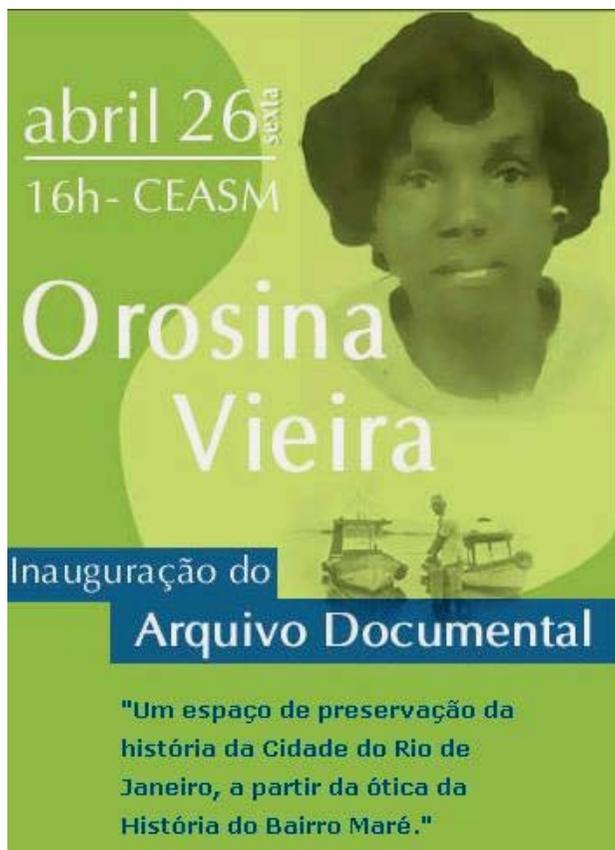
Os arquivos, públicos ou privados, por mais completos e amplos que se pretendam, constituem apenas recortes sobre determinados temas. Henry Rousso, historiador contemporâneo, em seu artigo sugestivamente intitulado “O Arquivo ou o Indício de uma Falta”, afirma: “o testemunho, assim como o arquivo dito escrito, revelam por sua própria existência uma falta [...]. O vestígio é, por definição, o indício daquilo que foi irremediavelmente perdido” (ROUSSO, 1996, p. 90). No seu entendimento, a noção de arquivo requer o entendimento da noção de fonte:

[...] todos os vestígios do passado que o homem e o tempo conservaram, voluntariamente ou não - sejam eles originais, ou reconstituídos, minerais, escritos sonoros, fotográficos, audiovisuais, ou até mesmo, daqui para a frente, “virtuais” (contanto, nesse caso, que tenham sido gravados em uma memória) - e que o historiador, de maneira consciente, deliberada e justificável, decide erigir em elementos comprobatórios da informação a fim de reconstituir uma seqüência particular do passado. (ROUSSO, 1996, p. 90).

Rouso apresenta como o resultado do trabalho do historiador, munido dos seus questionamentos, hipóteses e dos vestígios, a narrativa, que para o autor consiste numa “escrita dotada de uma coerência interna refutável, portanto, de uma inteligibilidade científica”. No entanto, Rouso admite que na própria constituição do arquivo existem elementos de subjetividade, ou seja, “escrito, oral ou filmado, o arquivo é sempre o produto de uma linguagem própria, que emana de indivíduos singulares ainda que possa exprimir o ponto de vista de um coletivo (administração, empresa, partido político etc.)” (ROUSSO, 1996, p. 88)

No nosso entender, o arquivo em si constitui uma narrativa, dotada de um discurso próprio daqueles que os constituíram e transformaram em fontes os “vestígios do passado”.

No Arquivo Documental Orosina Vieira, a intenção de “exprimir o ponto de vista de um coletivo” fica bastante explícita:



(FIGURA 4)

A “ótica da História do bairro Maré” aponta não só para uma determinada visão de um grupo em particular - os moradores e ex-

moradores da Maré que trabalham no CEASM -, mas indica também uma narrativa própria deste grupo.

Como já foi mencionado no capítulo anterior, o ADOV é um projeto sob a responsabilidade da Rede Memória, um dos núcleos de atuação do CEASM. Ainda que a criação do Arquivo seja recente, a coleção que o constitui vem sendo reunida ao longo dos últimos 10 anos aproximadamente, antes mesmo da criação do CEASM. Essa iniciativa partiu de um dos seus integrantes, Antônio Carlos Vieira, autor de “História da Maré”, que participou, entre os anos de 89 e 91, da Sociedade Cultural TV Maré. Essa Sociedade produzia vídeos amadores sobre a Maré, realizando entrevistas com moradores e fazendo o registro de manifestações culturais. Antônio Carlos conta que afastou-se da Sociedade para ganhar mais autonomia na realização dos vídeos; foi nesta época que a equipe da TV Maré decidiu que deveriam produzir documentários sobre a história das comunidades locais:

[...] o primeiro programa que a gente pensou, foi o programa da história do Morro do Timbau, que era a comunidade que a gente considerava mais antiga e que tinha uma série de influências. Não era só favela, eram também os pescadores. Tinha vários grupos que formavam a comunidade, pescadores, moradores que eram proprietários de terrenos, de grandes terrenos; tinha o pessoal que era família de herdeiro que estavam ali a não sei quanto tempo e tinha o pessoal de cima do morro, que eram migrantes, a maioria de origem nordestina,

maioria de minas. [...] e a gente já era de outro grupo, o grupo do pessoal que veio na migração do nordeste. A gente morava em cima do morro, então sempre houve essa curiosidade de entender porque que aquela comunidade era dessa forma. Era tão diferente das outras. (Antônio Carlos Vieira - 11/01/2003)

Neste trecho do depoimento, Antônio Carlos aponta três elementos que despertaram a curiosidade pela história do local: o fato do Morro do Timbau ser, provavelmente, uma das comunidades mais antigas a se formar na Maré; a diversidade de tipos que residiam na comunidade (pescadores, migrantes, proprietários) e a origem “nobre” relacionada ao local (grandes proprietários e seus herdeiros). No segundo caso, a ocorrência no passado de atividades que hoje encontram-se em declínio na região (especialmente a pesca, quase inexistente na região nos dias atuais devido à poluição da Baía da Guanabara) é um fator de grande interesse. Ao falar sobre o vídeo que realizou no período em que fazia parte da TV Maré, Antônio Carlos revela a sua paixão pelas imagens do passado, que são narradas pelo entrevistado.

Tanto é que o vídeo que a gente fez dos pescadores - a narração é de dois pescadores, um é o Seu Albano e o Seu Alvim, os dois hoje são falecidos - foi uma entrevista muito bonita, em que eles falam de onde eles vieram como é que era a vida deles na pesca, como é que era o meio ambiente ali naquela região, eles pescavam ali mesmo. Parece impossível que ali antes tivesse condição

de pescar, de catar camarão, pescar caranguejo. (Antônio Carlos Vieira - 11/01/2003)

Essas paisagens, onde a natureza é farta e bela, descritas pelo pescador no vídeo - e que devem provocar um sentimento de perda e nostalgia a qualquer indivíduo que conheça a Baía da Guanabara hoje -, acabam se tornando recorrentes tanto na “História da Maré” de Antônio Carlos quanto na exposição de que iremos tratar a seguir.

Motivado pelo desejo de se aprofundarem na história da região em que viviam, o envolvidos na TV Maré resolveram empreender uma pesquisa em vários arquivos da Cidade do Rio de Janeiro; assim, começaram a reunir os primeiros documentos que, mais tarde, fariam parte do acervo do ADOV.

3.1 - AS COLEÇÕES

Objetos e memória, memória e identidade, memória e história, reminiscência e reconhecimento, todos são termos que se entrelaçam na busca de compreensão do passado, e cada um deles parece dar ao outro o suporte necessário na procura de credibilidade. Os objetos parecem ser a prova de que necessitamos para ratificarmos o que sabemos de memória. (SANTOS, 1992, p. 218)

O acervo de fotografias do ADOV ainda é predominantemente constituído por documentos de acervos públicos, instituições e pesquisadores de fora da Maré. As primeiras imagens foram aquelas obtidas nas pesquisas realizadas pela equipe da TV Maré: são fotos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), pertencentes à

coleção Augusto Malta; do Arquivo Nacional, a maioria delas do fundo Correio da Manhã; da Casa de Oswaldo Cruz; do arquivo da Caixa Econômica Federal; e fotos tiradas pelos pesquisadores Anthony Leeds - antropólogo que estudou a Maré na década de 60 - e João Mendes, fotógrafo do Projeto-Rio. Antônio Carlos conta que também recolheu algumas fotos que estavam se deteriorando na Associação de Moradores do Timbau na época em que a presidiu.

Ao construir as narrativas sobre a Maré, os agentes do ADOV se valem de documentos que serviram a outros discursos, mas que se enquadram nas suas narrativas, visto que, ao recolherem imagens que estavam sob domínio de entidades externas à Maré, construíram de maneira mais “consistente” a noção de que, de fato, a história do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro passavam incontestavelmente pela história da Maré.

A forma de contar essa história aproxima-se a uma concepção historiográfica moderna, instituída com a criação do Instituto Histórico Nacional. Neste momento de passagem, identificado por Regina Abreu em sua tese “A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil”, “a concepção moderna de história implicava traçar a história na linha do tempo, articulando passado, presente e futuro num processo linear marcado pela noção do progresso” (ABREU, 1996, p. 179). Esse tipo de abordagem linear e temporal do progresso pode ser notado na forma como é contada a “História da Maré” (VIEIRA, 2002), que também se reproduz na exposição “Memórias da Maré”, baseada no mesmo histórico, como veremos a seguir.

3.2 - A EXPOSIÇÃO

A exposição “Memórias da Maré” foi elaborada e executada no início do ano 2001, com base no trabalho de Vieira (2002), e segue a mesma lógica cronológica e abordagem dos aspectos naturais e urbanos do bairro utilizada em seu histórico. A ficha técnica da exposição apresenta seus elaboradores e executores da seguinte forma:

Coordenação geral: Cláudia Rose Ribeiro da Silva; projeto: Antônio Carlos Pinto Vieira e Maurício José de Oliveira²³; montagem: Maurício José de Oliveira; editoração: José Carlos Alves Bezerra; textos: Antônio Carlos Pinto Vieira; agradecimentos: Petrobrás; realização: Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

Esta exposição, concebida para ser itinerante, já esteve exposta em diversos locais públicos, dentro e fora da Maré: Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), quadra de esportes da Maré, várias escolas da região e no próprio CEASM. Por suas elaboração e montagem, essa exposição foi a que demandou mais recursos financeiros e pessoal qualificado. Possuía, inicialmente, pouco menos de vinte *banners*, medindo aproximadamente dois metros de altura cada um, suspensos por uma grande e complexa estrutura de PVC.

²³ Artista plástico responsável pela idealização estética da exposição

A exposição está sendo constantemente alterada: falhas tipográficas são corrigidas e imagens são acrescentadas e subtraídas; além disso, devido à grande dificuldade para montagem da estrutura de PVC, ultimamente essa tem sido preterida, e os *banners* têm sido expostos fixados a paredes ou pendurados por fios presos ao teto; nem sempre todos são utilizados, variando de acordo com o local onde serão exibidos.

Para a abordagem da exposição, privilegiou-se o uso das imagens na seqüência em que se encontram dispostas para exibição, mantendo os seus respectivos títulos e a utilização dos cabeçalhos dos *banners* (que aparecem aqui em itálico e sublinhados). Quando necessário, também foram mencionados trechos dos textos que acompanham as imagens.

A exposição tem início com um texto extraído da obra de Vieira que remonta a um período muito anterior à ocupação presente da Maré, e que inspira uma visão idílica da região, quando a natureza predominava e oferecia uma paisagem bem diferente da atual:

Na Época do Descobrimento

A área hoje ocupada pelas comunidades da Maré, outrora era um remoto recanto da Baía de Guanabara formado por praias, ilhas e manguezais. Faziam parte de seu litoral a Enseada de Inhaúma, a Praia de Inhaúma, a Ponta do Tibau, Ponta da Pedra e a Praia do Apicum, localizados defronte a um arquipélago formado pelas ilhas do Pinheiro, Sapucaia, Bom Jesus, Pindaís, Fundão, das Cabras, Baiacu e Catalão, próximas à Ilha do Governador. (Trecho destacado do *banner* inicial da exposição ‘Memórias da Maré’).

Sobre o trecho acima citado, a imagem de três caravelas e de uma esfera armilar circundada por vinhetas faz alusão à chegada dos portugueses ao Brasil.



(FIGURA 5)

Vinheta da exposição Memórias da Maré

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Embora seja óbvia a relação entre a chegada dos portugueses ao Brasil e a ocupação atual da região da Maré, essa associação de imagens colabora para reforçar a idéia de pertencimento ao contexto histórico nacional.

O Início

A primeira imagem fotográfica é a da Praia do Apicú, de autoria de Augusto Malta, em idos da década de 20, pertencente ao acervo do AGCRJ.



(FIGURA 6)

A MARÉ NA SUA ORIGEM

Autor: Augusto Malta. 192.-Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

A imagem que retrata a região da Maré, onde hoje se localiza o Morro do Timbau (ao fundo, à direita), reforça a idéia de uma

natureza que predomina numa paisagem quase intocada pelo homem. Sobre esta imagem especificamente, Antônio Carlos comenta:

Inclusive, a primeira foto que a gente fez em produção, foi a foto do Arquivo Geral do Rio de Janeiro, que mostra a Maré ainda no início do século. É uma foto do Augusto Malta que estava lá designada como uma foto da Praia do Apicú. Essa foto foi a primeira foto, e a gente ficou muito impressionado. A gente tinha uma intuição assim: “Deve ter alguma foto dessa região no início do século, não é possível”. E a gente buscou e buscou isso e acabamos identificando essa foto, e quando a gente identificou, foi uma coisa muito legal, a gente ficou muito impressionado. Parecia até uma coisa assim, da gente ter adivinhado aquele momento, que a gente ia achar aquele material. Aí nós reproduzimos. (11/01/2003)

Não foi, portanto, casual o encontro dessa imagem durante as pesquisas: ela foi deliberadamente procurada, como que para indicar e comprovar uma outra realidade da região hoje ocupada pelo bairro Maré.

Aludindo a um outro aspecto da região da Maré, temos a imagem do Porto de Inhaúma, ainda no mesmo *banner*:



(FIGURA 7)

PORTO DE INHAÚMA

Autor: Augusto Malta. 1910.- Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

A partir desta foto, os narradores indicam-nos a importância econômica que outrora teve a região para a Cidade do Rio de Janeiro, e ligam a história local à história da cidade.

O Engenho

No *banner* seguinte, através da imagem das ruínas do Engenho da Pedra, os narradores contam-nos que importantes figuras da história da cidade possuíam propriedades no local:



(FIGURA 8)

RUÍNAS DA FAZENDA DO ENGENHO DA PEDRA

Autor desconhecido - s/d - Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

As terras da Fazenda do Engenho da Pedra abrangiam os atuais bairros de Olaria, Ramos, Bonsucesso, Maré e parte de Manguinhos [...] Cecília Vieira de Bonsucesso, proprietária do

engenho no século XVII, deu o nome ao bairro de Bonsucesso. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

A passagem de importantes figuras da história nacional pela região reforça a idéia de cerzidura do contexto histórico local ao nacional, e tem sua continuidade no *banner* seguinte:

As Ilhas



(FIGURA 9)

ILHA DO BOM JESUS

Autor: Augusto Malta - s/d - Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Ilha muito freqüentada por Dom João VI, foi propriedade dos Jesuítas, convento dos Franciscanos, propriedade da família Teles de Meneses, Asilo dos Inválidos [...] (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

Com essa imagem, tem início o trecho da exposição dedicada às ilhas soterradas para a construção da Cidade Universitária: Ilha do Bom Jesus, da Sapucaia e Ilha do Pinheiro.



(FIGURA 10)

ILHA DA SAPUCAIA

Autor: Augusto Malta – 1933- Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

A depredação da fauna e da flora locais pelas ações humanas, principalmente decorrentes dos aterros realizados pelas ações do poder

público, tem destaque na exposição. Fica claro, pela menção à beleza natural e importância histórica das ilhas, que se lamenta a realização dos aterros, ainda que, em menor escala, ele tenha contribuído para a fixação de moradores no local.

A Natureza



(FIGURA 11)

A ILHA DO PINHEIRO

Casa de Oswaldo Cruz - 1930

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

[...] Era belíssima! Foi anexada ao continente na década de 80, pelos aterros do Projeto-Rio que deram origem à Vila do Pinheiro. Hoje, no

que restou da ilha, foi criado o Parque Ecológico. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).



(FIGURA 12)

AQUÁRIO DA ILHA DO PINHEIRO

Casa de Oswaldo Cruz - 1930

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

[...] A água do aquário era renovada pelas marés que traziam exemplares da rica fauna marinha existente à época. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

A construção da Cidade Universitária é identificada como uma das vilãs da depredação da paisagem local, alterando de forma

definitiva os aspectos naturais da região com o aterro de oito ilhas, dentre elas algumas já citadas.

As Mudanças



(FIGURA 13)

A CIDADE UNIVERSITÁRIA

Autor: desconhecido - s/d - Acervo do Arquivo Geral da Cidade.

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Foi construída a partir do aterro de 8 ilhas: Bom Jesus, Sapucaia, Pindaí do França, Pindaí do Ferreira, Fundão, Cabras, Baiacu, e Catalão, entre 1949 e 1952. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).



(FIGURA 14)

A ILHA DO PINHEIRO RESISTE

Casa de Oswaldo Cruz s/d

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Na seqüência adiante, as belezas naturais, outrora existentes na região, são momentaneamente deixadas de lado para que se possa tratar das questões relacionadas à ocupação do local que dá início à configuração urbana atual.

A Ocupação

A primeira imagem da seção é de barracos sobre palafitas; o texto faz menção, indiretamente, a Dona Orosina:



(FIGURA 15)

A PRAIA DE INHAÚMA

Arquivo Nacional, 1960

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Como resultado de um passeio de domingo, os primeiros ocupantes se apaixonaram pelo local. A praia estava coberta de pedaços de madeira trazidos pela maré, e que pareciam sugerir uma

boa finalidade. E foi isso que uma mulher inteligente fez, começando a juntar os pedaços de madeira com o intuito de levantar um barraco naquele local que parecia não interessar a ninguém. (Carlos Nelson Ferreira dos Santos, in História do Morro do Timbau). (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

Nesse relato, a natureza parece conspirar para que Dona Orosina estabeleça sua moradia no local, entregando-lhe o material que serviria para a construção do seu barraco.



(FIGURA 16)

A BAIXA DO SAPATEIRO

Arquivo Nacional, 1960

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Mas a natureza, retratada inicialmente como uma “entidade” solícita e generosa, oferece problemas aos ocupantes da região. A maré que trouxe os materiais para a construção dos primeiros barracos também inspira medo e preocupações nos novos habitantes dos terrenos encharcados às margens da Baía da Guanabara.

As Palafitas



(FIGURA 17)

PALAFITA

Arquivo Nacional, 1960

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

As palafitas, que aparecem inicialmente como soluções práticas e engenhosas para lidar com o problema das marés, passam a simbolizar a pobreza e o atraso da região.

[Do it. *Palafitta*, ‘paus fixados’.] *S.f.* 1 Estacaria que sustenta as habitações lacustres. 2. Designação comum a essas habitações: “O homem que nele habita, na parte mais baixa, mantém-se, o pobre, nas estacas de palafitas como seus irmãos nas lagunas da pré-história.” (Alberto Rangel, *Papéis Pintados*, p. 231) (Do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

As dificuldades dos que vivem nas palafitas, sob risco constante de desabamento, são abordadas, e a urbanização é apontada como uma solução para as novas gerações.

As Crianças



(FIGURA 18)

INFÂNCIA SOBRE AS PALAFITAS

Autor: Anthony Leeds, 1969

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

E quem cai mesmo são as crianças menores que podem morrer. As maiores gritam e a gente as apanha. Será bom mesmo se melhorassem isto aqui. Como seria mesmo? Urbanizar. A maré enche tudo isso aqui. Começa à tarde e à noite, nem se fala, ninguém pode passar, a madeira do barraco apodrece. O meu está caindo e não dá pra consertar. A madeira tá custando um dinheirão. Quando chove então ninguém dorme com medo do desabamento. Um de meus garotos treme todo, chora, grita: "Mãe, vou cair." Eu dou água com açúcar pra ele e digo que não pode cair. Mas por dentro só Deus sabe. (Maria da Penha Silva Moraes, moradora da Baixa do Sapateiro, em depoimento ao Jornal O GLOBO 10/06/79). (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

Mas a morosidade das ações do poder público levava os próprios moradores a empreender obras para facilitar a vida e as condições de urbanização no local.

As Pontes

(FIGURA 19)

AS PONTES QUE ERAM RUAS

Anthony Leeds, 1969

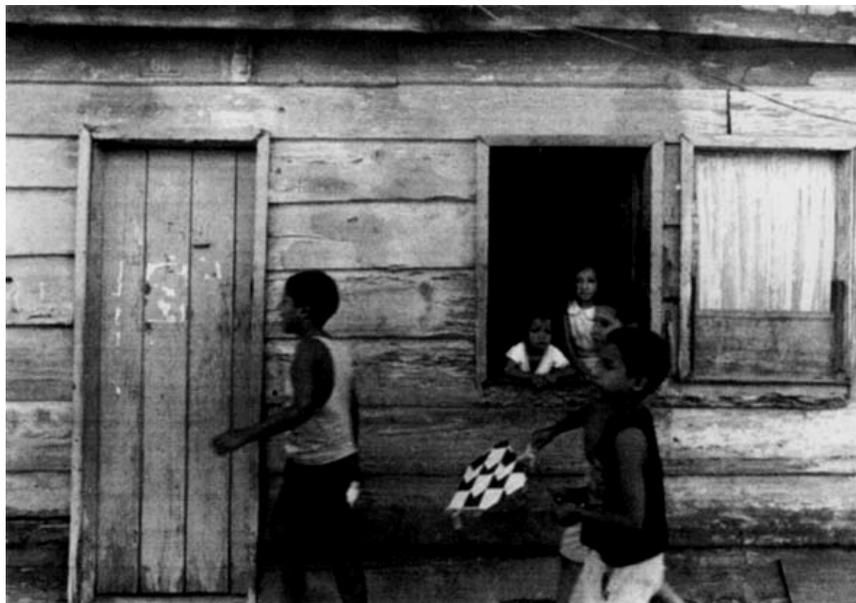
Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Quando eu mudei pra lá, tinha que atravessá mesmo era por

dentro d'água. Tinha que entrá mesmo na água porque a maré enchia e quando tava calçado tinha que tira para entrá dentro d'água e chega no barraco. Os outros tinha ponte, os outro tinha tudo, mas eu ainda não. Tinha mudado de pouco. Aí eu fui fazê a ponte. (P. Morador de palafita). (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

Dentro da complexa evolução urbana do bairro Maré, nem todas as comunidades foram erguidas sobre palafitas - na verdade, as palafitas configuram uma minoria dentro das formas de habitação ocorridas na Maré ao longo de sua história: muitas delas, como a que veremos a seguir, originam-se de momentos políticos e sociais particulares e foram construídas já em terra firme, resultante, em alguns casos, de aterros anteriores.

A Nova Holanda



(FIGURA 20)

NOVA HOLANDA

Autor: Ripper - 1991 (Imagens da Terra)

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM



(FIGURA 21)

O VALÃO

Autor: Ripper - 1991 (Imagens da Terra)

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

O valão ficava onde hoje se situa a quadra da Escola de Samba Gato de Bonsucesso [...] (Trecho destacado do banner onde está imagem).

A Escola de Samba Gato de Bonsucesso é atualmente um importante ponto de referência das manifestações culturais da Maré. Existem alguns projetos dentro do próprio CEASM para a filmagem

de um documentário sobre essa Escola que parece ter servido também como pólo aglutinador da população local.

Na Nova Holanda de hoje, a atuação dos grupos de traficantes que rivalizam os espaços com outras localidades da Maré tornam problemático o trânsito por estes territórios.

As Remoções



(FIGURA 22)

O AREAL

Arquivo Nacional, 1973

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM



(FIGURA 23)

A FAVELA DO RALA COCO

Arquivo Nacional, 1973

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

A indicação dessas regiões particulares no bairro Maré poderia sugerir uma fragmentação da região; contudo, em seguida, um *banner* que exibe uma fotografia aérea da região, onde são indicados vários locais que se confundem aos olhos dos leigos, ameniza os sentimentos de divisão.

A Maré

(FIGURA 24)

A MARÉ

Acervo Caixa Econômica Federal, 1978

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Visão Geral da Favela da Maré, a partir da Rua Principal. À direita, o local onde hoje se situam os CIEP Elis Regina e Samora

Machel. Na parte inferior, vê-se o chiqueiro que levou a população a chamar a Praça hoje existente a Região Administrativa de "Praça do 18", numa alusão ao número deste animal no jogo de bicho. Ao fundo, as comunidades do Parque União e Rubens Vaz. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

Poderíamos dizer que, se por um lado, são levadas em conta pela narrativa da exposição as diferenças entre as comunidades que compõem o bairro Maré, uma forte identificação entre essas é revelada quando são tratadas as questões referentes às lutas por melhoria nas condições de urbanização das diversas localidades.

Moradias

(FIGURA 25)

CIEP OCUPADO POR FAMÍLIAS.

Autor: Ripper - 1991 (Imagens da Terra)

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM



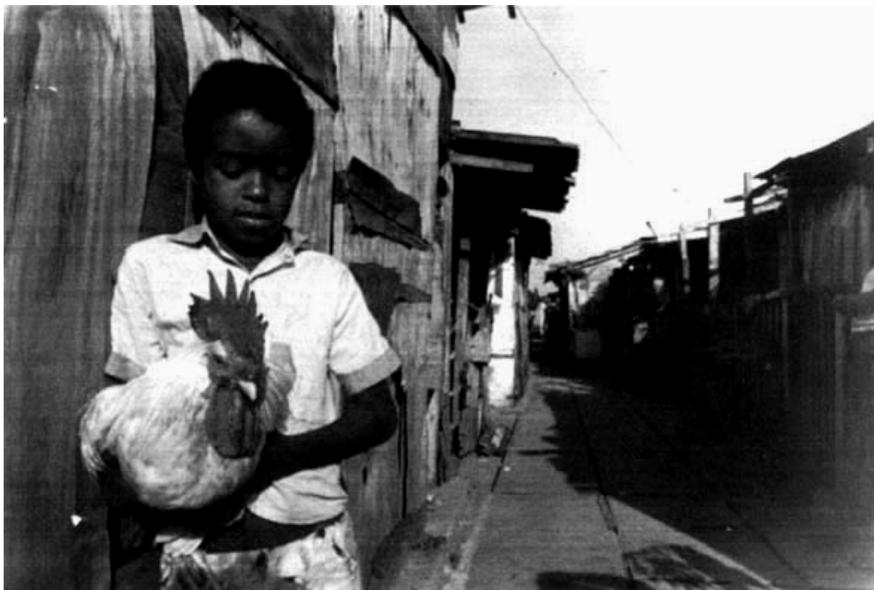
(FIGURA 26)

QUASE MIL MORADORES

Autor: Ripper - 1991 (Imagens da Terra)

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

O Cotidiano



(FIGURA 27)

MENINO MORADOR DO CIEP

Autor: Ripper - 1991 (Imagens da Terra)

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM



(FIGURA 28)

FILA DA ÁGUA

Autor: Ripper (Imagens da Terra) – 1991

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Por fim, é mencionada uma grande transformação na Maré, atribuída ao Projeto Rio e à ação das lideranças comunitárias da Maré que pressionaram os poderes públicos a implementá-las. O desmonte de barracos e palafitas e a construção de casas de alvenaria mudam expressivamente a configuração da Maré.

A Transformação



(FIGURA 29)

DESMONTE DE UM BARRACO

Autor: Ripper (Imagens da Terra) – 1991

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

A partir de 1979, foram realizadas na Maré grandes intervenções governamentais, sendo a principal delas o chamado Projeto Rio, que previa a construção de um aterro de 2.300 ha, 1,5% do espelho da Baía da Guanabara, no qual seriam construídos novos conjuntos de casas e equipamentos comunitários, além de uma via expressa, paralela à Avenida Brasil. Muitas das propostas não foram realizadas, outras somente ocorreram após forte pressão das lideranças comunitárias. De qualquer forma, tais mudanças impulsionaram a população da Maré a promover suas próprias transformações. Na Maré o cenário urbano sofre uma nova mudança, com a substituição dos barracos sobre palafitas, por casas de alvenaria. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

No entanto, não obstante sejam consideradas as conquistas de melhorias nas condições de habitação e infra-estrutura urbana, o descaso com as belezas e recursos naturais da região são lamentados.

A Praia

(FIGURA 30)

A PRAIA DE RAMOS

Acervo CEASM, 2001

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Os domingos de sol na Praia do Porto de Maria Angu já foram programas obrigatórios para moradores da Leopoldina e de outros subúrbios do Rio. Na década de 50, os banhistas lotavam o lugar, chegavam vestindo roupas leves e floridas que seriam trocadas por trajes de banho, alugados em uma das cabines à beira da praia. Hoje a Praia de Ramos sofre com a poluição trazida pelo descaso do homem. (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).



(FIGURA 31)

PESCADOR NA PRAIA DE RAMOS

Acervo CEASM, 2001

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

A pesca, que foi uma das maiores atividades na região da Maré, tendo sido fundamental para o início da ocupação, hoje resiste na teimosia e esperança dos pescadores (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

Encerrando a exposição, novamente uma grande imagem em vista aérea do Bairro, dessa vez abrangendo uma área ainda maior, reforça a unidade entre as comunidades e relembra em seu texto sumário:



(FIGURA 32)

VISTA AÉREA DO BAIRRO MARÉ

Edgard Amaral, 1995

Fonte: Arquivo Documental Orosina Vieira/CEASM

Através de Decreto publicado no Diário Oficial de 24 de janeiro de 1994, é criado o bairro Maré (Trecho destacado do *banner* onde está imagem).

De fato, muitas modificações na Maré aconteceram nos últimos anos: não existem mais palafitas; foi instalado um sistema de água e esgoto que atende, ainda que precariamente, a população, que também aumentou neste período; providenciou-se o calçamento da maioria das ruas do bairro. Enfim, por iniciativa da população local, quer pressionando o poder público, quer agindo por sua própria conta, foi possível conquistar melhorias para a região. Por outro lado, as melhorias agora almejadas, e que parecem partir inicialmente deste grupo de pessoas que fazem parte do CEASM, dizem respeito ao sentido de pertencimento à cidade e à nação, através do esforço em prol da construção de uma memória da Maré orientada para o pertencimento ao espaço urbano e nacional.